

## INTERSECÇÕES ENTRE LAZER E ESPORTE PERFORMANCE: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE LAZER DOS ATLETAS OLÍMPICOS DE TAEKWONDO DO BRASIL

Recebido em: 10/11/2022

Aprovado em: 05/03/2023

Licença: 

*Namuetcha Silva Ricardo*<sup>1</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

*Ana Cláudia Porfírio Couto*<sup>2</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

**RESUMO:** Esta pesquisa se pautou em analisar o esporte, a partir do campo do esporte *performance*, e o lazer, a partir da compreensão dos estudos contemporâneos. O objetivo geral consistiu em analisar em medida as competições esportivas se constituem em um momento para a diversificação das práticas de lazer do atleta olímpico de taekwondo. Foi utilizada a abordagem qualitativa, tendo como técnica de coleta a entrevista semiestruturada, seguida da análise de conteúdo de Bardin (2016). A pesquisa constatou que os atletas olímpicos compreendem o lazer como uma atividade desvinculada ao trabalho, o que torna as práticas de lazer raras ou nulas durante o período da competição. As características e os fundamentos olímpicos do taekwondo foram descritos como fatores de influência das práticas de lazer dos atletas, fosse na preparação para as competições ou no período de ocorrência das mesmas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Atividades de lazer. Taekwondo. Turismo esportivo.

## INTERSECTIONS BETWEEN LEISURE AND PERFORMANCE SPORT: AN ANALYSIS OF THE LEISURE PRACTICES OF OLYMPIC TAEKWONDO ATHLETES IN BRAZIL

**ABSTRACT:** This research was based on analyzing sport, from the field of sport performance, and leisure, from the understanding of contemporary studies. The general objective was to analyze in measure the sports competitions that constitute a moment for the diversification of the leisure practices of the Olympic taekwondo athlete. A qualitative approach was used, using the semi-structured interview as a collection technique, followed by Bardin's (2016) content analysis. The survey found that Olympic athletes understand leisure as an activity unrelated to work, which makes leisure practices rare or null during the competition period. The characteristics as well as the Olympic fundamentals of taekwondo, were described

<sup>1</sup> Mestre em Estudos do Lazer. Doutoranda no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL-UFMG). Instrutora de lutas na política educacional, APPIA-PBH/FTEMG.

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer. Líder do Grupo de Estudos de Sociologia – Pedagogia do Esporte e do Lazer (GESPEL).

as factors influencing the athletes' leisure practices, whether in preparation for competitions or during the period of their occurrence.

**KEYWORDS:** Leisure activities. Taekwondo. Sport tourism.

## **Introdução**

Os atletas dão vida a cenas que impetram o imaginário social. Ao subirem no pódio, dando luz a diferentes representações, onde os melhores estão no topo, e os demais estão em busca deste lugar, eles demonstram aquilo que a sociedade contemporânea almeja e valoriza: a “ascensão, a vitória, o melhor, impondo um padrão de comportamento que privilegia o mais forte, o mais habilidoso” (RUBIO, 2021, p. 55). Em outros termos, conforme Dardot e Laval (2016, p.3 45), o esporte de competição “continua a ser o grande teatro social que revela os deuses, os semideuses e os heróis modernos”.

A grandeza dos atletas adentra o imaginário social não só pela capacidade de levarem suas condições técnicas ao extremo, mas pelo modo como constroem o percurso até o ato final. Dentro do percurso conduzido pelos profissionais encontram-se as viagens, de curto e longo período, cujos destinos se alteram sem que eles tenham domínio.

A viagem e o turismo são componentes centrais na carreira do atleta, uma vez que a frequência com a qual necessitam se deslocar de sua residência habitual para participar de eventos esportivos, é acima da média do que a população vivencia. Por se tratarem de profissionais que têm a viagem como parte da rotina de trabalho, Uriely (2001) os insere no que nomeia de *travelling professional workers*.

The category of 'travelling professional workers' is comprised of business people and employees of various occupations, such as members of academic and diplomatic staff, air attendants, tourist guides, mercenaries and

professional athletes (URIELY, 2001, p. 2)<sup>3</sup>.

No entanto, é necessário destacar que quando em viagem, qualquer indivíduo deparar-se-ia com um conjunto de cenários atípicos, ou seja, que não fazem parte de sua rotina. Pois independente das circunstâncias que provocam a viagem “olhamos com interesse e curiosidade o ambiente que nos cerca” (URRY, 2001, p.15).

Neste sentido, a realização de eventos esportivos em destinos distintos ao de residência dos profissionais, os coloca permite desenvolver novos olhares, além de , eventualmente, serem introduzidos em em destinos onde há serviços e produtos voltados para práticas específicas de lazer.

A escolha para que um indivíduo busque a diversificação das práticas de lazer, no período da viagem, está relacionada a inúmeros fatores, por exemplo: tempo disponível, desejo e condições financeiras.

No campo do esporte, os profissionais envolvidos em suas diferentes frentes, tem suas atividades de trabalho (onde se incluem as viagens) impactadas de modo profuso. Graham e Smith (2022) após ampla pesquisa de cunho qualitativa-quantitativa, a respeito da relação entre vida profissional e vida pessoal, no ambiente esportivo, chegaram a resultados significativos, os quais apresentam profunda importância para esta pesquisa.

Os autores concluíram que trabalhar na indústria do esporte pode ser desafiador devido à sua sazonalidade, altas exigências de tempo, requisitos para viagens (que ocorrem em períodos irregulares) e falta de autonomia. Além disso, os autores apontaram que os profissionais envolvidos no mundo do esporte experimentam níveis moderados a altos de conflito entre vida profissional e pessoal, independentemente de sexo, estado civil, situação familiar ou cargo.

---

<sup>3</sup> A categoria de 'trabalhadores profissionais itinerantes' é composta por empresários e empregados de diversas categorias, como membros do corpo acadêmico e diplomático, comissários de bordo, guias turísticos, agentes financeiros e atletas profissionais (tradução livre).

O esporte, como é vivenciado atualmente, difere-se do que esteve incorporado às práticas da sociedade do século XIX. No período citado, o esporte tinha suas bases voltadas ao fomento de ideais socioculturais da sociedade inglesa (MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009), considerando que se tratava da prática de uma atividade direcionada para a formação do intelecto da população.

As práticas esportivas ocorridas no século XIX foram fundamentais, porém não exclusivas, para a construção do que se vivencia no mundo contemporâneo. Proni (1998) adverte que as mudanças sentidas no esporte foram fruto de ocorrências como: 1) transformação das estruturas sociais e econômicas, principalmente após a 2ª Guerra Mundial; 2) progressiva mercantilização da cultura.

Essa transformação não se deu como uma ruptura pontual seguida do surgimento de um fenômeno totalmente novo, como no século XIX (período de surgimento do esporte moderno a partir da transformação e racionalização de jogos populares, gerando o fenômeno esportivo), mas resultou de adaptações do fenômeno moderno a novas configurações sociais, gerando um objeto diferente, o esporte contemporâneo (MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009, p. 638).

O segundo ponto exposto por Proni (1998) – progressiva mercantilização da cultura, condiz com o processo de reestruturação dos eventos esportivos ao redor do mundo, fato que contribuiu com a dinamização das práticas de lazer na sociedade.

Para Bjelac e Radovanovic (2003), o esporte em sua essência é atrativo, mas são as competições realizadas entre os atletas que o torna algo maior e que dão vida ao evento. Neste sentido, os atletas são os protagonistas do evento esportivo, sendo sua performance, fonte de consumo para a sociedade.

Os eventos esportivos se tornaram atividades indissolúveis da cultura mundial. Jogos Olímpicos, Jogos Paraolímpicos e Campeonatos Mundiais são alguns dos exemplos de eventos fixados no calendário cultural.

Os Jogos Olímpicos constituem o principal evento esportivo do mundo. O espetáculo esportivo, assim com o próprio esporte, passou por transformações ao longo

das décadas. Na atualidade, sua prominência na dinâmica social chegou ao ponto de que no período marcado pelas restrições impostas pela pandemia do Coronavírus – COVID19<sup>4</sup>, sua realização não foi cancelada, como outros eventos de porte similar, mas sim adiada.

No que concerne a eventos esportivos em meio a crises biológicas, não há novidade. PARNELL *et al.* (2020) afirmam que a indústria do esporte já teve experiências com o enfrentamento de crises de ordem da saúde, como exemplo vírus Ebola (2015) durante a Copa das Confederações na África do Sul e o zica vírus durante os Jogos Olímpicos RIO 2016, mas nenhuma destas crises se equiparou a dimensão alcançada pela pandemia da COVID-19.

Enquanto o número de infectados pelo vírus do COVID-19 colocava em risco a população mundial, os comitês organizadores da edição dos Jogos Olímpicos de 2020, passaram por momentos de grande incerteza sobre a realização ou não do evento. Diante das pressões externas e internas, e, considerando que a realização do evento não causaria impacto apenas aos profissionais participantes, o Presidente do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, junto ao Comitê Olímpico Internacional (COI), sancionaram o primeiro adiamento olímpico nos 124 anos de história dos Jogos Modernos (RUSSO *et al.*, 2022).

A manutenção dos Jogos Olímpicos em meio a uma das maiores crises de saúde da humanidade, no século XXI, reforça o quão significativo é sua relação com outros espaços e contextos da sociedade, que não apenas o esporte.

A questão financeira não seria o único complicador. A partir da sanção do COI, todo o planejamento realizado pelo Comitê Organizador nos últimos 7 anos não teria mais utilidade. Um dos maiores problemas certamente estaria na renegociação contratual com cerca de 75 mil fornecedores encarregados de atender aos Jogos em 2020, além de patrocinadores e outras entidades de

---

<sup>4</sup> A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. Portanto, a coisa mais importante que as pessoas podem fazer é reduzir o risco de exposição ao vírus e se vacinar contra a COVID-19. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19> Acesso em: 14 out. 2022.

apoio. O ambiente de incerteza permanente provocado pela pandemia, aliado ao esvaziamento da sua equipe inicialmente composta de mais de 2 mil colaboradores, e as diferentes características e escopo de serviço desses fornecedores traziam desafios adicionais (RUSSO *et al.*, 2022).

O exposto pelo autor reforça o entendimento de que o evento esportivo se trata de uma atividade interdisciplinar. Que sua ocorrência não se limita à apresentação dos atletas, em suas mais altas performances, mas é motivada por elas.

Considerando as relações históricas, que se traduzem em realizações contemporâneas, arquitetou-se a problemática desta pesquisa, sendo ela a investigação sobre as práticas de lazer dos atletas olímpicos de *taekwondo* no período das viagens motivadas pelo esporte. Para alcançar a problemática foi elaborado o objetivo geral, que consistiu em analisar em que medida as competições esportivas se constituem em um momento para a diversificação das práticas de lazer do atleta. Foram desenvolvidos também os objetivos específicos, para auxílio da construção da pesquisa, sendo eles: conhecer qual a compreensão de lazer dos atletas e membros da comissão olímpica de *taekwondo*; compreender se a relação profissional entre técnicos e atletas produz impacto nas práticas de lazer deste último; e investigar quais aspectos interferem nas vivências de lazer destes profissionais.

## **Metodologia**

A abordagem qualitativa foi escolhida para condução da pesquisa. Como ponto de partida foi realizada uma pesquisa de gabinete onde foram estudadas produções científicas referentes aos campos turismo, lazer e esporte. A construção da pesquisa contou ainda com entrevistas semiestruturadas, organizadas a partir de um roteiro contendo sete perguntas. Os voluntários foram selecionados com base no currículo esportivo, o qual deveria conter ao menos uma participação na seleção brasileira dos Jogos Olímpicos de Verão, seja como técnico ou atleta, da modalidade *taekwondo*.

Foram realizadas oito entrevistas, amostra que representa 45% do universo dos profissionais. Os resultados foram analisados a partir da análise de conteúdo de Bardin (2016), amparada pelo *software* de análise de dados Nvivo, com uso do recurso da análise de cluster a partir do coeficiente de Jaccard. Os entrevistados tiveram suas identidades resguardadas durante a pesquisa, sendo assim optou-se por utilizar codinomes que corresponderam aos nomes de países que sediaram os Jogos Olímpicos na Era Moderna, para atletas, e, nomes de cidades que sediaram um evento dos jogos, para nomear os técnicos.

### **Atletas na Era Moderna: Representações no Contexto Esportivo**

O período histórico denominado de Antiguidade permite uma aproximação com os estudos realizados sobre a profissão atleta. É neste contexto da história mundial que se inserem parte dos esforços para compreensão desta atividade; é o momento em que uma parcela dos pesquisadores utiliza como subsídio para explicar, e até justificar a presença do atleta na Era Moderna, Pós-moderna e Contemporânea.

Na Antiguidade greco-romana, somente aqueles pertencentes à nobreza social, e, portanto, privilegiados com tempo e investimento para desenvolver diferentes habilidades poderiam buscar o título de atleta. Era necessário ser um cidadão-livre, ou seja, ter posses, ser pertencente às famílias com títulos de nobreza, não ser escravo ou mulher.

No período dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, os atletas ficaram conhecidos por serem seres comparados ao que se compreendia como herói. Rosina e Veloso (2019) destacam que o título de herói ao qual o atleta da sociedade antiga era assimilado, destinava-se:

Àqueles que primordialmente Homero designou como possuidores de coragem e méritos superiores, e preferidos entre os deuses por deles serem frutos de relações com mortais, são figuras honradas por suas comunidades

em virtude de feitos salvadores e batalhas que geralmente demandam uma jornada iniciática. São lembrados através da tradição oral, através de narrativas que difundem os feitos e os representam do ponto de vista físico ou moral (ROSINA; VELOSO, 2019, p. 66).

A paixão pelo esporte na Grécia Antiga estava sustentada pela ideia de que “não era possível perfeição sem a beleza do corpo [...] Para tanto, o caminho da educação integral, ou Pandeia como chamavam os gregos, não era possível sem a educação física” (RUBIO, 2021, p. 148).

A educação para o físico, ou seja, a prática da educação física, representava a busca pela harmonia do corpo e da mente, e, o esporte era o meio de se alcançar tal estado. A este pensamento se associa a seguinte reflexão trazida por Rubio (2021):

Aos gregos devemos a máxima: não há educação sem esporte, não há beleza sem esporte; apenas o homem educado fisicamente é verdadeiramente educado, e, portanto, belo. E como ensinou Sócrates (Platão, s.d.), o belo é idêntico ao bom (p. 148).

A fundamentação do esporte enquanto ação necessária para construção da identidade do homem chegou ao mundo moderno carregando o ideal de uma atividade vinculada a qualidades positivas. Georges Magnane (1969) apontou que o esporte moderno constitui: “o principal pólo de atração para atividades aprovadas, lícitas, conscientemente sociais e, no sentido mais amplo da palavra, dóceis” (p. 38).

O esporte, na Era Moderna, adquiriu também diferentes classificações, como destacam autores como Tubino (2002) e Betti (1991). Tubino (2002) classifica o esporte das seguintes formas: esporte performance, esporte de participação e esporte educação. O esporte *performance*, segundo o autor, refere-se às práticas esportivas que objetivam o alcance de rendimento, numa estrutura formal e institucionalizada. Neste sentido o esporte *performance* é o praticado por atletas que participam de eventos como Jogos Olímpicos, Campeonatos Mundiais, Jogos continentais, dentre outros que são gerenciados e executados por instituições esportivas vinculadas aos comitês e confederações esportivas.



A ocorrência do esporte *performance* é predisposta pela existência do atleta de rendimento, cujas ações em torno do esporte são classificadas como profissionais. O esporte, enquanto prática profissional detém atributos aos seus praticantes, como exemplificam Campos; Cappelle; Maciel (2017). Os autores destacam que “a própria definição de esporte de alto rendimento assemelha-se muito com a definição de trabalho, que consiste na força concentrada dos esforços de um indivíduo para executar uma tarefa ou meta (p.33)”.

Por sua vez a profissão atleta carrega consigo excepcionalidades, como exemplo as demonstrações dos resultados dos esforços profissionais apresentados em espetáculos esportivos, os quais são compartilhados com a sociedade. Ademais, Rubio (2021) expõe que:

Submetido a uma rotina desgastante de treinos e jogos, o atleta se vê envolvido por questões como a ausência de contato com a família, super-exposição na mídia e a impossibilidade de admitir – para si e para o público – suas fragilidades, angústias e incertezas, posto que ainda que uma figura mítica, nosso herói contemporâneo não habita o Olimpo nem bebe da ambrosia com os deuses, mas estabelece relações afetivas e sofre com os transtornos que cercam a vida de uma atleta, que também é cidadão (RUBIO, 2021, p.134).

As ocorrências na carreira esportiva foram compartilhadas também pelos atletas entrevistados durante a pesquisa.

Normalmente a gente vai para o evento, treina todos os dias, luta, e no dia seguinte a gente volta, então assim, são raras as oportunidades que nós temos para passear, para conhecer alguma coisa do país. Quando o campeonato acaba no domingo a noite geralmente na segunda-feira até ao meio-dia já é o nosso voo de retorno. Então são raras as exceções. Voltou. Ta com dor? ta cansado? mas tem que continuar mesmo assim, e brigar pelos resultados (RIO/atleta olímpico, 2022).

A fala do entrevistado ilustra a afirmação de que a profissão atleta conduz a oportunidades que se distinguem das demais profissões, como exemplo as viagens enquanto parte da rotina de trabalho, mas também limita outras vivências.

Para mim era treino de manhã, almoço, treino a tarde e descanso. Essa basicamente era a rotina por anos. Por que além de tudo eu tinha que continuar disputando aqui no Brasil para me manter. Minha categoria sempre tinha alguém querendo a vaga. Então assim, você tem que manter peso, é

uma vida muito regrada. Porque às vezes, um detalhe que você deixa passar vai te trazer um resultado negativo lá no final, de uma outra pessoa que manteve sempre a performance. Então você não quer por isso em risco. E para mim isso sempre foi muito natural. Objetivos. A recompensa vem lá no final (CANADÁ /atleta olímpica, 2022).

A disposição em se entregar às demandas da vida de atleta surgem como um dos pré-requisitos dos profissionais que atingiram o mais alto nível da carreira esportiva. A seleção olímpica. Estes atletas expressaram em suas falas que as abdições, as desconformidades com o que é compreendido e vivenciado como natural pela sociedade fazem parte de suas escolhas em busca de seus objetivos, que se combinam entre o pessoal e o profissional.

O atleta da NBA (National Basketball Association), Charles Barkley, declarou em entrevista que sua profissão – atleta - não se desrespeita a ser um modelo para o restante da sociedade, em especial, para crianças, as quais deveriam ter como imagem de referência, seus próprios pais (LENG; PHUA, 2020).

A postura apresentada pelo atleta da NBA se encontra com uma das falas expressas durante a coleta de dados, e que representa como a imagem assumida pelos atletas possui impacto em outras esferas de suas vidas, por exemplo, em suas práticas de lazer.

Eu lembro de uma vez que eu tive meio que uma treta com uma mulher em um supermercado. Eu estava antes da olimpíada, mas eu acho que era uma folga. Eu acho que eu tinha ido para a Europa, aí cheguei em casa, tive ali uma semana, uns diazinhos *off*, para depois, *pau* na preparação para a olimpíada. Aí eu tava muito conhecida na minha cidade, e, todo mundo me conhecia, o tempo todo aparecia na TV. Aí eu fui no mercado, comprei uma cerveja, que eu tava indo num churrasco de uns amigos. Aí a mulher chegou perto de mim e falou: -Você não é atleta olímpica? – Aí eu respondi: Eu sou atleta olímpica, mas sou ser humano também, né?! Pelo amor de Deus! (ESTOCOLMO/atleta olímpico, 2022).

No entanto, houve também atletas e membros da comissão técnica que reconheceram a necessidade de mudanças no papel assumido pelos profissionais a partir do momento em que se tornam pessoas públicas e representantes de suas respectivas modalidades esportivas.

Eu acho que o atleta quando ele começa a ter uma exposição eu falo que ele sempre ganha direitos e deveres. Então né, com as conquistas vem os direitos, mas também vem os deveres, de se tornar uma referência, de você ser um modelo a ser seguido, de você ter um peso naquilo que você faz não só nas suas palavras, mas também nos seus atos, então eu acho que a consciência tem que vir dessa forma, seja na hora do lazer, ou seja na hora do atendimento para ir comprar um pão (PARIS/atleta olímpico, 2022).

Cada um cuida da sua vida, mas desde que isso não reflita diretamente no esporte, tanto na performance quanto na imagem do atleta, do profissional, porque sei lá. O cara toda semana sai, bebe, fica doidão, arruma confusão. Então isso reflete na imagem dele como atleta, como profissional, como praticante de um esporte olímpico, e também na parte da bebida, para a saúde. Então eu sou contra. É uma coisa que eu vou chegar e vou intervir e se ele não concordar ele não vai trabalhar comigo (MEXICO/técnico olímpico, 2022).

Graham e Smith (2022), identificaram durante pesquisa realizada junto a profissionais envolvidos com o esporte que trabalhar na indústria do esporte pode ser desafiador devido à sua sazonalidade, altas exigências de tempo, requisitos para viagens (que ocorrem em períodos irregulares) e falta de autonomia. Além disso, os autores apontaram que os profissionais envolvidos no mundo do esporte experimentam níveis moderados a altos de conflito entre vida profissional e pessoal, independentemente de sexo, estado civil, situação familiar ou cargo.

O esporte se adaptou e transformou no decorrer das décadas, o que trouxe também a transformação da carreira atlética. A construção do profissionalismo dentro das modalidades esportivas, em especial as olímpicas, ainda é um campo de estudos em construção, no entanto, sabe-se que houve uma intensa mudança na década de 70, período nomeado de Virada Olímpica.

A Virada Olímpica correspondeu a mudança no paradigma dos Jogos Olímpicos. No que desrespeito a atuação do atleta, este, antes cultuado por seu espírito guerreiro, cuja missão era a de defender a honra de sua nação, a partir de sua bravura física e mental, passou a ser visto também como um meio para destacar não apenas às nações, mas às empresas que detinham relação direta ou indireta com o esporte.

A transformação do cenário profissional dentro dos Jogos Olímpicos proporcionou impacto nos demais âmbitos do mundo esportivo considerando que o evento, no período da década de 70, já representava uma das grandes atividades do esporte mundial.

A reconfiguração dos Jogos Olímpicos tanto acompanhou as necessidades globais, quanto as impactou. O evento alcançou proporções que se reproduzem para além do período de sua ocorrência. Sua potencialidade instigou não apenas sua continuidade, mas também a produção de eventos semelhantes que diferente dele já nasceram com a proposta de gerar impactos grandiosos na sociedade.

As transformações dos Jogos Olímpicos, como pôde ser visto, resultou na mudança em torno do trabalho desempenhado pelos atletas. Embora haja o objetivo de permanecer com os fundamentos do olimpismo vigentes fatores como a exposição midiática e quebra de recordes tornaram a rotina do atleta uma constante competição.

Proni (2007) aponta que a transformação da atividade esportiva profissional é orientada para satisfazer a indústria do entretenimento e constitui uma das grandes mudanças do espetáculo esportivo, considerando a exigência de se atingir metas, extrapolar limites, para tornar o espetáculo um meio de entreter, cada vez mais, o público.

O processo de espetacularização de momentos além das competições amplia o leque de possibilidades de consumo e participação dos telespectadores do evento, e segundo Neto e Tavares (2019), constitui a base de transformação entre o evento esportivo para espetáculo-esportivo, uma vez que: “o primeiro foca na competição em si, o segundo faz da competição um pretexto para realizar e promover a cultura e a grandeza do país e da cidade-sede do evento” (NETO; TAVARES, 2019, p.165).

O que se observa, a partir das leituras e da fala dos atletas entrevistados, é a transformação do ideal esportivo de preocupação física, educacional, para o paradigma associado ao sistema capitalista, onde se almeja a conquista de resultados cada vez latentes, deixando inclusive que outras esferas da vida sejam impactadas.

### **Turismo Esportivo Como Prática Profissional**

O turismo é uma das áreas que vem emergindo no mundo contemporâneo, ganhando destaque na economia, cultura e política. As atividades que o envolvem são inúmeras, podendo ser estudadas a partir de diferentes modalidades, os quais possibilitam a uma análise direcionada para as finalidades desejadas.

Ao analisar o turismo a partir de suas modalidades é possível observar características em comum entre elas, como pontos que reforçam a existência do turismo, exemplo, a permanência em um destino que não seja o de residência do turista, por período superior a 24 horas (OMT, 2001).

O turismo esportivo constitui uma das modalidades de turismo existente, os autores que estudam a modalidade apresentam diferentes compreensões sobre sua ocorrência, ainda que hajam pontos em comuns, há aqueles que destacam as diferenças entre as análises realizadas.

Considerando que o objetivo deste artigo não se concentra em realizar um estudos das abordagens do turismo esportivo, ressaltar-se-ia, os principais pontos destacadas dos autores estudados.

O turismo esportivo encontra-se como uma das dimensões da indústria do turismo, logo, alguns de seus princípios estão associadas ao que se prevê da indústria: desenvolvimento e crescimento econômico, relação com a comunidade local, geração de renda e deslocamento entre dois destinos, por parte dos turistas. Para tanto, a ocorrência

do turismo esportivo é condicionada a alguns destes pontos, que são características em comuns entre os pesquisadores da área. Há, no entanto, aspectos que são interpretados de modos distintos entre os pesquisadores, como exemplo. Para Faulkner *et al.* (2000); Deery; Jago; Fredline (2007), o turismo esportivo se refere a qualquer atividade que envolva uma competição esportiva, seja ela na dimensão profissional ou do lazer. Já autores como Deery, Jago; Fredline (2007); Ratkowski e Ratkowska (2018), destacam que o turismo esportivo refere-se apenas ao esporte profissional.

Em ambas as abordagens do turismo esportivo há a previsão de uma competição esportiva, sendo ela uma ação desencadeada pela disputa de uma modalidade esportiva, entre grupos ou indivíduos.

As competições esportivas são uma dentre as muitas práticas de lazer presentes na sociedade. Atravessaram os períodos mais remotos da civilização até chegarem aos tempos atuais. Bjelac e Radovanovic (2003) apontam que o esporte em sua essência é atrativo, mas são as competições realizadas entre os atletas que o torna algo maior e que dá vida ao evento.

O esporte se adequou aos diversos processos de crescimento e desenvolvimento pelos quais a sociedade passou. Nesta perspectiva, as competições também se transformaram, em especial aquelas associadas as modalidades olímpicas.

As competições esportivas, como exemplo, os Jogos Olímpicos, saíram do patamar de eventos de pouca expressividade global, no início do século XIX, para tornarem-se espetáculos esportivos, ou seja, eventos esportivos com alto impacto social, político, econômico, cultural e ambiental.

Os eventos esportivos são cercados de simbologias, regras e características próprias. Todavia, cabe ressaltar que assim como existem níveis de experiência entre os

atletas, o que os coloca em diferentes posições de combate, há também classificações dos eventos esportivos nas quais consideram-se diferentes atributos.

Os eventos, em geral, segundo Bjelac e Radovanovic (2003), podem ser classificados como micro, pequeno, médio, grande e megaevento. A classificação baseia-se, sobretudo, no número de participantes e no nível de investimento que o evento requer. Proni (1998) menciona que para além destas classificações há a categoria *esporte espetáculo*, que: “não substitui e sim se sobrepõe às formas mais simples de competição esportiva; não concorre com e sim potencializa as demais formas de consumo esportivo” (p. 21).

De acordo com Proni (1998); Neto e Tavares (2019), algumas das características do esporte espetáculo é ter ampla divulgação midiática, patrocínio de grandes empresas público e privadas e, ter atletas de rendimento como atores da competição. Ao destacar estes elementos como parte integrante do espetáculo esportivo, tem-se também o cumprimento de alguns dos requisitos para se definir um evento como turismo esportivo.

As características desta categoria de eventos esportivos – espetáculo esportivo - produziu impactos no modo como o esporte passou a ser vivenciado e experienciado pelo público telespectador, assim como pelos próprios protagonistas das competições esportivas, os atletas.

À medida que ia se popularizando, o esporte ganhava uma nova dimensão, cuja lógica interna se fundamentaria em relações mercantis. A expansão do consumo de bens culturais se traduziu, no mundo esportivo, na valorização do espetáculo e na sua apropriação pela indústria do entretenimento (PRONI, 1998, p. 21).

Os atletas que integram os espetáculos esportivos são a razão para ocorrência do evento, logo a performance desempenhada por eles constitui uma das atrações do evento. Por se tratar do trabalho desempenhado pelos atletas, eles vivenciam o evento

de modo distinto ao dos telespectadores, como exemplo está o relato de uma das atletas entrevistada durante a coleta de dados desta pesquisa.

É que assim, por exemplo, você vai ao mundial para ficar por 5 dias de evento, você vai lutar no 3º dia, mas você não quer se desgastar antes da competição, você precisa estar concentrado, não vai ficar “viajando”. Então meio que nem passava pela cabeça nossa de sair para conhecer antes, e, depois que você luta você tem que torcer pelos seus amigos que estão lutando no dia seguinte, então não dá para você ir (CANADÁ/atleta olímpica, 2022).

O turismo esportivo constitui na atividade profissional desempenhada pelos atletas durante os eventos esportivos no qual eles atuam, logo, o turismo esportivo é vivenciado enquanto parte da rotina de trabalho, diferente do propósito e vivência dos turistas esportivos passivos, ou seja, os telespectadores dos eventos.

### **Lazer no Contexto Olímpico: Compreensões e Vivências de Lazer dos Atletas Olímpicos de *Taekwondo* do Brasil**

O *taekwondo* é uma modalidade olímpica disputada por indivíduos dos gêneros masculino e feminino, sendo a disputa realizada em diferentes categorias de peso. O objetivo da luta consiste em acertar o oponente, utilizando como ataques chutes e socos. O combate ocorre em intervalos de tempo denominados *rounds*. Pela regra atual, vence o atleta que ganhar o maior número de *rounds* da disputa.

A modalidade teve origem no continente Asiático, no território onde hoje se encontram os países da Coreia do Sul e Coreia do Norte, e, assim como outras modalidades de luta, seu gene se insere nos combates militares.

Para se inserir nos Jogos Olímpicos, o *taekwondo* passou por transformações de ordem técnica, associando-se aos elementos do olimpismo e os incorporando a sua filosofia. O *taekwondo*, tal como é conhecido hoje, teve início na década de 50, evoluindo continuamente até participar como esporte de demonstração na década de 80 e se tornar oficial nos anos 2000.



Por não ser uma modalidade de tradição dos países do continente Americano, o *taekwondo* olímpico, no Brasil, precisou ser aprendido e adaptado, uma vez que a prática marcial se difere da prática olímpica.

No *taekwondo* eu fui um dos pioneiros em relação aos Jogos Olímpicos. Antes da minha geração não tinha perspectivas de ir aos jogos, então os competidores da década de 80,90, não tinham essa expectativa. Então até 2008 nós ainda fomos os desbravadores, nós fomos as pessoas que estávamos ali descobrindo como tudo isso funcionava (SAINT LOUIS/atleta olímpico, 2022).

O processo de aprendizagem e adaptação técnica impactou as vivências dos atletas dentro e fora de quadra, pois, segundo o mesmo atleta, quando estavam em viagem, as possibilidades de intercâmbio cultural com atletas de outros países eram escassas, considerando que:

A troca cultural, uma troca que é amistosa, porque a gente não está lá para fazer intercâmbio cultural. A gente tá lá em treinamento de alto performance de uma modalidade olímpica. E luta é contato, então, quando você está em contato com adversários de outras culturas a abertura social leva um tempo. Então a gente teve muitas dificuldades para ter convívio social com pessoas de outros países, porque a gente estava ali como desafiante, né?! (SAINT LOUIS/atleta olímpico, 2022).

O atleta, das falas acima, assim como os demais entrevistados, apontou que as características da modalidade, conjuntamente com o perfil olímpico adotado pelos atletas profissionais, tornaram-se fatores de influência de suas práticas de lazer dentro e fora do período das competições.

O lazer figurou como uma ação ordenada e centrada em padrões hierárquicos no século 19. As práticas de lazer, na Europa, estavam centradas no poder estabelecido entre patrões e seus subordinados. Nesta perspectiva, o lazer não era um ato de liberdade. As atividades consideradas lícitas consistiam em ações que não ferissem a conduta moral dos cidadãos, razão pela qual o esporte, enquanto elemento pedagógico e ordenatório, servia de base e inspiração.

Diante destes fatos, a relação entre lazer e esporte se deu ambivalente ao trabalho e a qualquer ação que ferisse os bons costumes de uma sociedade. A entrada do

Movimento Olímpico, no esporte, constituiu a formalização das práticas outorgadas aos profissionais vinculados ao esporte olímpico. Sendo válido até os dias de hoje apontamentos realizados no século XIX.

No histórico de formação da profissão atleta, o amadorismo performou não apenas como uma validação do esporte enquanto prática envolvida no hedonismo, mas também na restrição da remuneração aos atletas, o que os “obrigava”, em certa medida, a trabalharem em outros ofícios com a finalidade de obter rendimentos para sua subsistência, e até mesmo financiamento de competições. Como consequência da dupla jornada os atletas amadores se utilizavam do tempo fora do ofício remunerado para realizar treinos e participar de competições.

Julgando a natureza do atleta amador, constata-se que as práticas de lazer eram quase que obrigatoriamente postas como plano secundário, dada a rotina vivenciada por eles. O lazer, em suas diferentes possibilidades de manifestação, desde então, figurou como papel atípico na vida dos sujeitos que se dispõem a assumirem a condição de atleta.

Dentro deste contexto, constatou-se que o medo transitou como um sentimento pertencente à rotina dos atletas, sendo manifestado em sua rotina de treinos, competições e vivências fora do contexto esporte.

A articulação do medo com a rotina do atleta foi construída sobre o olhar de Bauman (2007) o qual afirmar que “os medos nos estimulam a assumir uma ação defensiva” (p. 15). A afirmativa do autor soma-se à história construída em torno da figura do atleta.

A busca do atleta pelo título e reconhecimento faz com que diferentes manifestações do mesmo sejam postas à vista. Pelos atletas de *taekwondo* foi exposto o medo de não perder peso para se adequar a categoria de luta, o medo de não estar

preparado tecnicamente contra o adversário, o medo de não conquistar a tão sonhada vaga para os Jogos Olímpicos, o medo de perder a vaga na seleção nacional, o medo de não conseguir cumprir com o calendário de competições. Os medos compartilhados pelos atletas entrevistados permitem a reflexão de serem eles – os medos, um sentimento condicionante para que os atletas, que tem também a orientação da comissão técnica, busquem por práticas de lazer que não firam o ideal profissional traçado para e por eles.

A imagem do atleta, embora resoluto de prestígio, é “forma-mercadoria” facilmente substituível (FERREIRA JUNIOR; RABELO; CAMILO, 2019), a partir da quebra dos records, de novos talentos e até mesmo do apagamento midiático, político. Neste sentido, as práticas de lazer selecionadas pelos profissionais poderiam e, seguem, interferindo no modo como serão vistos e aceitos no ambiente profissional e social.

Os atletas e técnicos entrevistados nesta pesquisa demonstraram que as exigências que performam a carreira atlética conduz à normatização de suas práticas de lazer. Ainda que estes profissionais compreendam o fenômeno lazer uma prática denotada de aspectos positivos, esta, por sua vez, entra em conflito com os objetivos profissionais estimados por eles.

A nuvem de palavras gerada a partir da fala dos atletas, permitiu aproximar a relação deles com o fenômeno.

**Figura 1: Nuvem de Palavras (30) Lazer (Atleta)**



Fonte: Nvivo, dados da pesquisa.

Os atletas compartilharam que compreendem o lazer como tudo aquilo que não tem relação com sua rotina de trabalho, que pode ser feito em um tempo dedicado a atividades que não estejam e/ou sejam conectadas a modalidade esportiva por eles praticadas, constou entre as falas dos atletas que vivenciar o de lazer seria – sair, ir a festas, ir a shows, cinema, assistir a uma peça de teatro, ir a atrativos turísticos, estar com a família, estar com amigos.

Os entrevistados apontaram que o lazer para eles é uma prática que ocorre quando estão em período de férias das competições, e, eventualmente durante folgas, no destino de uma competição, ou, no destino do local de treinamento. A rotina de trabalho, aliada a fatores de demandas pessoais, foi uma das razões apontadas pelos atletas para que o lazer não fosse tido como uma prática presente em suas rotinas.

As características da modalidade também foram um fator de implicação para possíveis práticas de lazer serem postas como parte das vivências cotidianas dos atletas. A necessidade de perda ou manutenção do peso corporal foi um dos fatores por eles apontados, além da própria manutenção da performance atlética.

No período das competições os atletas compartilharam não ter tempo disponível para o que consideram como lazer, na maior parte das viagens, isto ocorre em razão das

demandas da própria viagem – competir e acompanhar a equipe. Nas exceções existentes os atletas compartilharam que suas práticas de lazer consistem em visitar atrativos turísticos e/ou vivenciar a gastronomia local.

O lazer, a partir das avaliações e interpretações modernas é visto como uma prática dicotômica ao trabalho. Neste sentido, as apreensões dos atletas sobre as atividades de lazer não serem vivenciadas no período em que estão viajando a trabalho são formuladas com base em uma construção social.

A sociedade moderna compartilhou a partir de sua formação cultural que o lazer é fruto de uma vivência privilegiada e uma recompensa ao trabalho. Neste sentido, vivenciar práticas de lazer antes da competição, ou até mesmo após não ter alcançado o objetivo da competição, acaba sendo um ato que fere os princípios sociais e éticos. É a validação dos dizeres “*primeiro a obrigação, depois a diversão*”. CAMPBELL, 1990 *apud* Rubio (2021) lembra que as provações da jornada heroica são parte significativa da vida, sendo que não há recompensa sem renúncia, sem pagar o preço.

Em passagem de sua narrativa biográfica, concedida à pesquisadora Katia Rubio, um dos atletas entrevistados nesta pesquisa apresentou o seguinte relato:

A carreira do atleta é curta. No alto rendimento, dura não mais que 10 anos. Em 10 anos, você tem que fazer tudo acontecer. Então, não tem como esperar encerrar a carreira pra começar um processo, porque você não vai demorar 20/30 anos. É muito tempo. Então, pra reduzir isso, você acaba sacrificando algumas coisas, principalmente na questão do lazer; nos momentos em que eu posso estar me divertindo, estou estudando, preocupado com o esporte, fazendo reuniões... fazendo link de atletas com prefeituras, então... eu passei a fazer coisas a mais do que qualquer outro atleta faria. Qualquer outro atleta de ponta é comer, treinar e descansar. Mas a gente, a gente não, não tem como (SAINT LOUIS/atleta olímpico, 2019).

Os esforços e limitações empreendidos pelos atletas são também resultado da relação construída entre técnico-atleta. Os profissionais trabalham em torno de um mesmo ideal, no entanto, dentro desta relação cabe ao atleta cumprir sem contestação tudo que é imposto pelo técnico. A relação de hierarquia, independentemente da posição já ocupada pelo atleta, se sobressai neste momento, pois, o desempenho alcançado pelo

atleta não é resultado de um *dom*, mas sim de seus esforços para construí-los, o que requer auxílio e orientação, que se apresenta a partir do técnico.

Nesta relação se perpetua:

O processo de ensino aprendizagem que determina ‘assim eu aprendi, assim eu ensino, assim você executa’. Diante do poder da relação técnico-atleta, só resta ao atleta cumprir as exigências ou se desligar do grupo, pondo um fim a sonhos e fantasias de uma vida repleta de realizações e conquistas (RUBIO, 2021, p.196).

Durante o processo de entrevista, todos os voluntários foram inquiridos com a seguinte questão: “*O que você compreende como lazer?*”. Dentro deste contexto, é importante e necessário pontuar que a fala analisada trata-se da compreensão, e não das vivências de lazer destes indivíduos. Isto porque sabe-se que enquanto atleta profissional eles adotam condutas diferentes daquelas de quando não estão exercendo o ofício.

A tabela 2, seguida do dendrograma, apresenta a relação entre a compreensão sobre lazer dada por todos os entrevistados e entrevistadas, tendo sido gerada uma comparação entre as falas dos sujeitos.

Considerando que as entrevistas foram semiestruturadas e conduzidas a partir de um roteiro, as falas foram analisadas a partir da similaridade de palavras, o que resultou em conexões de similaridade próximas, médias, baixas e nulas.

**Tabela 1: Análise de Cluster, Compreensão de Lazer por Técnicos e Atletas**

Código A	Código B	Coefficiente de Jaccard
Saint Louis	Estocolmo	0,35
Saint Louis	Paris	0,25
Saint Louis	Londres	0,227273
Los Angeles	Estocolmo	0,216216
Rio	Paris	0,206897
Rio	Estocolmo	0,2
Estocolmo	Atenas	0,186047
Londres	Estocolmo	0,185185
Los Angeles	Atenas	0,185185
Saint Louis	Rio	0,15625
Rio	Atenas	0,150943

Paris	Estocolmo	0,136364
Paris	Londres	0,136364
Rio	Londres	0,135135
Los Angeles	Londres	0,125
Rio	Los Angeles	0,122449
Saint Louis	Los Angeles	0,111111
Paris	Atenas	0,1
Saint Louis	Atenas	0,095238
Londres	Atenas	0,085106
México	Atenas	0,069767
Paris	Los Angeles	0,055556
México	Los Angeles	0,052632
México	Estocolmo	0,038462
México	Londres	0,038462
Rio	México	0,027778
Paris	México	0
Saint Louis	México	0

Fonte: Nvivo, dados da pesquisa

No topo da tabela 2 se encontram os profissionais com compreensão de maior similaridade. Neste grupo localizam-se atletas de diferentes ciclos olímpicos com uma ou mais atuação nos jogos, e somente um dos técnicos olímpicos que atuou com exclusividade na função.

Na porção central da tabela encontram-se os profissionais com similaridade média. Neste espaço figuraram, novamente, atletas de diferentes ciclos olímpicos e apenas um dos técnicos que atuou com exclusividade na função.

Na porção inferior posicionaram-se atletas de diferentes ciclos e, diferente dos outros grupos, teve a presença dos dois técnicos que atuaram exclusivamente na função.

A profissional que atuou como técnica e atleta olímpica se apresentou no segundo grupo da tabela, demonstrando similaridade média e inferior com os demais entrevistados. Já a profissional que atuou como atleta em mais de uma edição dos jogos e posteriormente como membro da comissão técnica, apresentou relação próxima a nula com os demais.

O profissional que atuou exclusivamente com a função de técnico em sua trajetória olímpica, contendo uma participação nos jogos, apresentou relação inferior a nula com os demais entrevistados.

**Figura 2: Dendrograma Cluster - Compreensão de Lazer por Técnicos e Atletas**

**Itens em cluster por similaridade de palavra**



Fonte: Nvivo, dados da pesquisa

O dendrograma acima, a partir da hierarquia de cluster, admite a relação entre os entrevistados, demonstrando que a maior distinção do grupo reside no profissional que possui o menor tempo de atuação dentro do círculo olímpico. As práticas de lazer dos atletas no período das competições esportivas, geraram resultados fortuitos para esta pesquisa, reforçando a necessidade do aprofundamento desta temática.

Os atletas, ainda que tenham demonstrado similaridade na compreensão do fenômeno, apresentaram discrepâncias quanto aos relatos das práticas realizadas, conduzindo ao pensamento de que ainda que os (as) profissionais reconheçam o lazer de modo semelhante, na prática operam outros fundamentos, que podem sofrer influências de diferentes aspectos, como exemplo da comissão técnica presente no momento do evento.



**Tabela 2: Análise de Cluster, Práticas de Lazer e Compreensão de Lazer dos Atletas**

Código A	Código B	Coefficiente de Jaccard - Práticas de lazer	Coefficiente de Jaccard - compreensão de lazer
Paris	Londres	0,137931	0,136364
Saint Louis	Paris	0,128788	0,25
Paris	Estocolmo	0,119266	0,136364
Londres	Atenas	0,094624	0,085106
Rio	Londres	0,089686	0,135135
Rio	Paris	0,088398	0,206897
Rio	Estocolmo	0,084416	0,2
Saint Louis	Rio	0,077778	0,15625
Rio	Atenas	0,073996	0,150943
Paris	Atenas	0,071759	0,1
Saint Louis	Londres	0,071429	0,227273
Londres	Estocolmo	0,070064	0,185185
Saint Louis	Estocolmo	0,0625	0,35
Estocolmo	Atenas	0,050971	0,186047
Saint Louis	Atenas	0,050228	0,095238

Fonte: Nvivo – Dados da pesquisa

A criação da hipótese a respeito das interferências da comissão técnica nas práticas de lazer dos atletas, são fruto das afirmativas presentes na literatura, em relação à condução hierárquica estabelecida entre treinador-atleta, e, também dos dados coletados nesta pesquisa.

Os relatos abaixo são dos técnicos olímpicos e da técnica que atuou também como atleta olímpica. Percebe-se que os entrevistados citam mudanças de comportamento ao longo de suas trajetórias na comissão técnica, tendo a própria relação

com a interpretação do lazer e, as experiências profissionais com o esporte, como justificativa.

Durante as competições a programação fora do treino varia, porque tem atleta que precisa perder peso, então esse atleta tende a ir para o quarto e ficar deitado. Alguns gostam de jogar videogame no celular, alguns gostam de ver vídeo na internet, outros gostam de ficar vendo vídeo de comida. Eu conheço muito atleta que na dieta (eu achava isso um absurdo), mas é mais normal do que eu imaginava, vendo vídeo de comida. De carne, de hambúrguer. Então é uma coisa que eu falei. Caraca! Não imaginava isso, achava que era um ou outro. Os que não perdem peso, eu falo: - pô, vai dar uma volta, vai tirar umas fotos, vai conhecer, vai curtir! **Sem abuso, curtiu, conheceu, voltou para o hotel para descansar** (RIO DE JANEIRO/técnico olímpico, 2022) (*grifos da autora*).

**Eu já fui muito rígida com minha equipe.** Tinha hora para dormir. Não podia sair depois das 23 horas. Não gostava que tivesse porcarias de comer em casa, igual leite condensado, essas coisas. **Eu ia na casa e olhava tudo.** Eu era o terror. A galera da antiga, que me vê com pessoal de agora comendo pizza junto, pergunta: o que aconteceu com você? Não gostava que namorava, **não deixava. Mas eu fui percebendo que essa vida já é muito difícil. Tem uns quatro anos disso, não faz muito tempo. Fui mudando aos poucos** (PARIS/técnica olímpico, 2022) (*grifos da autora*).

**Eu percebo que os atletas brasileiros cultivam menos esse hábito do lazer, diferente dos atletas de outros países.** Por exemplo, eu lembro de a gente ir para Nápoles, que é uma cidade linda na Itália, na Universiade, e terminar o campeonato e eu falar: - pessoal, vamos conhecer a cidade? E os atletas falarem: Não. Vamos pro shopping. E shopping tem em todo lugar, é um passeio que você não vai relaxar, descansar. As mesmas coisas que você vê no shopping de Minas, São Paulo e NY. **Eu acho que ter um lazer traz um benefício imenso, eu acho que dá até uma completude. São muitos aspectos** (LOS ANGELES/ técnico olímpico, 2022) (*grifos da autora*).

Os relatos demonstram que há uma profunda relação entre as práticas de lazer dos atletas com seus técnicos, e, partindo do conhecimento de que esta relação é fruto do histórico da profissão, os atletas permanecem em concordância, tendo em vista que seus objetivos profissionais, como eles pontuaram, são o seu embasamento de vida.

A maturação dentro da jornada atlética se faz de extrema importância para a construção de uma rotina cujo lazer figure como elemento com validade igual ou semelhante a aplicada ao trabalho. Os técnicos, que em um primeiro momento exibiram ações de limitação quanto a dinamização do lazer dos atletas, na sequência demonstraram reconhecer a importância e necessidade das práticas de lazer no contexto da vida dos atletas.

**O que o taekwondo te proporciona é para além do esporte**, se você não tiver uma oportunidade de conhecer uma nova cultura, se você foi, conheceu hotel e ginásio e voltou, **o esporte te deu resultado, mas para sua vida não te acrescentou em nada**. Você não conheceu uma nova cultura, você não pode opinar se a cultura do país é bacana, se pô, tirou uma foto bacana para mostrar para o seu filho, pra sua mãe, pro seu irmão, então é uma coisa muito vazia. **Eu como treinador vi isso com o passar do tempo, eu não tinha essa noção, não via a importância. Com o passar do tempo vi que o lazer é importante, o atleta sempre deve ser direcionado para ter esse lazer, para buscar esse lazer, mas sempre o treinador deve buscar direcionar o atleta a fazer as coisas da forma correta**. Tudo que é proibido se quer fazer mais (MÉXICO/ técnico olímpico, 2022) (*grifos da autora*).

Eu acho que das experiências que eu tive, alguns atletas me relatavam e eu percebia, que alguns atletas, poucos hein?! Demonstravam ficar muito bem quando eles saiam de um filme legal. Porque queira ou não o filme no cinema, quando apaga a luz, vem o som, te faz ficar atento e te faz desligar o celular e concentrar, e eu sinto que por algumas horas eles conseguem esquecer olimpíadas, competição e isso dá um certo descanso mental, dá um descanso muito necessário. Para quem gosta, e eu acho que eles sentiriam a mesma coisa se tivessem o hábito de ir no museu, ou de ir em uma peça de teatro, ir em um show. **Eu acho muito importante os atletas de alto rendimento, e obviamente englobo aqui os atletas olímpicos cultivarem e curtirem o lazer, seja um livro, (que não tenha nada a ver com taekwondo ou esporte)** (LOS ANGELES/técnico olímpico, 2022) (*grifos da autora*).

Diante das análises realizadas destacou-se que o lazer na perspectiva dos entrevistados segue a lógica, ainda presente na sociedade, da dicotomia com o trabalho, dando espaço para reflexões e ponderações sobre o fenômeno do lazer e suas intersecções.

Nota-se, ainda, que embora haja sinergia entre os fenômenos esporte e lazer, suas manifestações se expressam de modos distintos quando se articulam com o trabalho.

Os dados demonstram que os fenômenos: esporte, turismo e lazer, caminham como pares, e não como iguais. Os entrevistados compartilharam que embora a rotina profissional do atleta possua oportunidade de estar em contato com os fenômenos, suas experiências nas áreas se manifestam de modos distintos, considerando que, ainda que o lazer seja visto como algo necessário em sua rotina, como atestaram os técnicos e atletas, a performance e alcance dos objetivos profissionais são postos como

prioritários. Para além, há também todo o histórico envolto ao legado esportivo, que se apegua aos ordenamentos do olimpismo.

### **Considerações Finais**

O objetivo geral da pesquisa consistiu em investigar quais as práticas de lazer dos atletas olímpicos de *taekwondo* do Brasil, no período das competições por eles frequentadas, concluiu que, diante do que os atletas compreendem como lazer, o período de competição compartilha de poucas possibilidades para que eles vivenciem estes momentos, visto que, a compreensão dos atletas apontou que lazer consiste em atividades que não sejam realizadas em conjunto ao trabalho, e que possam ser vivenciadas em períodos de folgas ou férias. As viagens realizadas para participar de competições esportivas, embora sejam sediadas em destinos turísticos, onde há produtos e serviços voltados para práticas de lazer, fazem parte de exceções da rotina de viagem dos atletas, ou seja, não são todas as viagens realizadas pelos profissionais, sejam elas nacionais ou internacionais, que permitem vivências de lazer, sejam elas em locais projetados para tal finalidade, ou mesmo praticas não convencionais.

Os atletas ainda pontuaram que o descanso faz parte de sua rotina de recuperação, logo, não o consideram como um momento de lazer, pois, sendo a viagem um momento específico do processo profissional, o descanso esta inserido em sua rotina, como parte do trabalho, visando alcançar o objetivo desejado. O êxito na competição.

A partir da investigação sobre a construção da figura do atleta na sociedade, e, também dos dados coletados, ficou evidente que a trajetória dos atletas é atravessada de renúncias que são justificadas pelo desejo da vitória, pela conquista da participação nos Jogos Olímpicos e, quem sabe, da chegada ao pódio, neste mesmo evento. Mas ocorre que todos os atletas participantes do evento esportivo têm, *a priori*, o mesmo desejo:

vencer. Neste sentido, todo trabalho empenhado pelos atletas, toda renúncia, com a justificativa de que será recompensada após a vitória, pode não acontecer. Os atletas relataram que mesmo após a exaustão e renúncia não há motivos para comemoração ou recompensas, quando se perde. A inconclusão do objetivo traçado fere não apenas o momento, mas todo passado em torno dele.

Enquanto os atletas reforçaram os predicados necessários para a validade do título de atleta profissional, representante olímpico, os técnicos expressaram concordância em relação aos atletas utilizarem dos eventos esportivos como meio de se diversificar o capital cultural.

As trocas culturais figuraram como centrais nas falas da comissão técnica. Os técnicos expressaram a importância que as viagens exercem na formação social dos atletas, sendo estas experiências proporcionadas a partir das oportunidades oriundas das viagens que tiveram inicialmente o esporte como motivação.

As partilhas do grupo da comissão técnica permitem a reflexão de que dentro do espaço de práticas esportivas, mesmo com a presença de regras e fundamentos provenientes da conduta ética dos profissionais, é possível a articulação entre os fenômenos: lazer, turismo e esporte.

A pesquisa, embora tenha trazido dados relevantes para o campo do turismo, lazer e esporte, apresenta limitações no que se refere ao estudo das variáveis presentes entre a relação dos sujeitos estudados com os fenômenos esporte, turismo e lazer, uma vez que a pesquisa demandou a concentração das informações propostas nos objetivos, retirando, assim, aspectos que cabem ser verificados em outros estudos.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007. 115 p.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Augusto Pinheiro. São Paulo:

Edições, 2016.

BETTI, M. Perspectivas para a educação física escolar. **Revista Paulista de Educação Física**, [S. l.], v.5, n.1-2, p.70-75, 1991. DOI: 10.11606/issn.2594-5904.rpef.1991.138292. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/138292>. Acesso em: 19 mar. 2023.

BJELAC, Z.; RADOVANOVIC, M. Sports events as a form of tourist product,: relating to the volume and character of demand. **Journal of Sport Tourism**, [s. l.], v. 8, ed. 4, p. 260-269, 2003. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/230640226\\_Sports\\_Events\\_as\\_a\\_Form\\_of\\_Tourist\\_Product\\_Relating\\_to\\_the\\_Volume\\_and\\_Character\\_of\\_Demand](https://www.researchgate.net/publication/230640226_Sports_Events_as_a_Form_of_Tourist_Product_Relating_to_the_Volume_and_Character_of_Demand). Acesso em: 01 out. 2022.

CAMPBELL, J. O poder do mito. São Paulo: Palas Athena, 1990. *In*: RUBIO, K. **O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo**. 2 ed. São Paulo: Laços, 2021. 262 p.

CAMPOS, R. C.; CAPPELLE, M. C. A.; MACIEL, L. H. R. Carreira esportiva: o esporte de alto rendimento como trabalho, profissão e carreira. **Rev. bras. orientac. prof**, Florianópolis, v.18, n.1, p.31-41, jun. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.26707/1984-7270/2017v18n1p31>. Acesso em: 12 jan. 2023.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução: Mariana Echalar. Editora Boitempo. Coleção Estado de Sítio. 2016.

DEERY, M.; JAGO, L.; FREDLINE, L. Sport tourism or event tourism: are they one and the same? **Journal of Sport & Tourism**, v.9, n.3, p. 235-245, 2007. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1477508042000320250?journalCode=rjto20>. Acesso em: 15 de out. 2022.

FAULKNER, B. *et al.* Monitoring the tourism impacts of the Sydney 2000 Olympics. **Event Management**, v.6, p.231–246, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.3727/152599500108751390>. Acesso em: 19 mar. 2023.

FERREIRA JUNIOR, N.; RABELO, I. S. R.; CAMILO, J. A. Carreira, transição e outros dilemas da “profissão” atleta. *In*: RUBIO, Katia (Org.). **Do pós ao nem olimpismo: esporte e movimento olímpico no século XXI**. São Paulo: Laços editora, 2019. p. 119-142.

GRAHAM, J. A; SMITH, A.B. Work and life in the sport industry: a review of work-life interface experiences among athletic employees. **Journal of athletic training**. v. 57, n.3, p.210–224, mar. 2022. Disponível em: <https://meridian.allenpress.com/jat/article/57/3/210/465005/Work-and-Life-in-the-Sport-Industry-A-Review-of> Acesso em: 14 out. 2022.

LENG, H. K.; PHUA, Y. X. P. Athletes as role models during the COVID-19 pandemic, **Managing Sport and Leisure**, v.27, n. 1-2, p. 163-167, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/23750472.2020.1762330>. Acesso em: 15 out. 2022.

LINES, G. Villains, fools or heroes? Sports stars as role models for young people. **Leisure Studies**, v.20, n.4, p. 285–303, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02614360110094661>. Acesso em: 15 out. 2022.

MAGNANE, G. **Sociologia do poder**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; MONTAGNER, P. C. New socioeconomic sport contemporary configurations. **Journal of Physical Education**. Maringá, v. 20, n. 4, 23 Dez. 2009. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/6090/5203> DOI: 10.4025/reveducfis.v20i4.6090. Acesso em: 13 jan. 2023.

NETO, F. P. M; TAVARES, M. R. **Marketing olímpico**: como e por que os Jogos Olímpicos se tornaram um excelente produto de marketing. Curitiba: Editora CRV, 2019. 103 p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

PARNELL, D. *et al.* COVID-19, networks and sport. **Managing Sport and Leisure**. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/23750472.2020.1750100>. Acesso em 07 de abril de 2023.

PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Tese de Doutorado em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, 1998.

PRONI, M. W. Marketing e organização esportiva: elementos para uma história recente do esporte-espetáculo. **Conexões**, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 73, 2007. DOI: 10.20396/conex.v1i1.8638015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8638015>. Acesso em: 19 mar. 2023.

RATKOWSKI, W. RATKOWSKA, J. Sports events as a determinant of sport tourism. **Baltic Journal of Health and Physical Activity**. Poland, v.10, 2018. Disponível em: <https://www.balticsportscience.com/cgi/viewcontent.cgi?article=1578&context=journal> Acesso em: 01 out. 2022.

RUBIO, K. **O atleta e o mito do herói**: o imaginário esportivo contemporâneo. 2 ed. São Paulo: Laços, 2021. 262 p.

RUSSO, E. *et al.* Os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020: impactos da COVID-19 e da transformação digital. **Cadernos EBAPE.BR**, v.20, n.2, 2022. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/85542>. Acesso em: 12 jan. 2023.

ROSINA, D.; VELOSO, R. C. *In*: RUBIO, K. (Org.). **Do pós ao nem olimpismo**: esporte e movimento olímpico no século XXI. 1 ed. São Paulo: Laços editora, 2019. p.61-73.

TEIGEN, K. H. *et al.* Who would you most like to like? Adolescents' ideals at the beginning and the end of the century. **Scandinavian Journal of Educational**

**Research**, v.44, n.1, p.5–26. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/713696661> Acesso em: 12 jan. 2023.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

URRY, J. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporaneas**. 3 ed. São Paulo: Studio Nobel, 2001. 231 p.

URIELY, N. Travelling workers and working tourists: variations across the interaction between work and tourism. **Internacional Journal of tourism research**, v.3, p.1-8. 2001. Disponível em: [https://doi.org/10.1002/1522-1970\(200101/02\)3:1<1::AID-JTR241>3.0.CO;2-M](https://doi.org/10.1002/1522-1970(200101/02)3:1<1::AID-JTR241>3.0.CO;2-M) Acesso em: 18 out.2022.

### **Endereço das Autoras:**

Namuetcha Silva Ricardo  
Endereço eletrônico: [namuetcha.bh@gmail.com](mailto:namuetcha.bh@gmail.com)

Ana Cláudia Porfírio Couto  
Endereço eletrônico: [acpcouto@gmail.com](mailto:acpcouto@gmail.com)